

**LA VOCE DI NAPOLI / A VOZ DE LISBOA<sup>©</sup>**

reunião entre o fado Português e canções napolitanas  
editado por Paolo Scarnecchia

con

NUNO DA CÂMARA PEREIRA e CONSIGLIA LICCIARDI

*Canção de Lisboa*

**tempo**

*Tiempe belle*

*Vielas de Alfama*

**a noite**

*Serenata napoletana*

*Saudade*

**o sentimento**

*Passione*

*Malmequer pequenino*

**o jardim**

*Rosa 'mmiez' 'e rose*

*Meu Bairro Alto*

**o bairro**

*Suspiro 'e Capemonte*

***interlúdio Português-napolitano***

(Sob a forma de diálogo entre portuguesa guitarra e bandolim)

*Que é feito da Muraria*

**o passado**

*Reginella*

*Não venhas tarde*

**o abandono**

*'na sera 'e maggio*

*Biografia do fado*

**a tradição**

*Serenata 'a Surriento*

*Lisboa da minha saudade*

**o afastamento**

*Santa Lucia lontana*

*Descia pela rua a cantar*

**a solidão**

*Senza se n'cuntra*

*Meia noite ao luar*

**amor**

*Marenariello*

## *Nápoles-Lisboa*

### Urbanística sonora da saudade

O fado e a canção napolitana caracterizam um período particular na história da canção urbana, e têm em comum uma extraordinária capacidade de se representar. É suficiente prestar atenção às letras para perceber as afinidades pelas quais se tornam porta-vozes e intérpretes de duas culturas urbanas, *lusitana* e *partenopéia*. Interrogam-se sobre a precariedade da condição humana e sobre o papel do destino, refletindo continuamente sobre a própria natureza artística e sobre a essência da poesia e da música. As definições mais eficazes surgem dos próprios versos das canções - "o sexto sentido que diferencia o português" ou "parole e musica ca sulo Napule sape cantà" (palavras e música que somente Nápoles sabe cantar) - que alimentam o imaginário das duas Cidades cantoras.

Em ambos os gêneros musicais a cidade é protagonista, com seus lugares-comuns, e a música parece devolver o sentido mais íntimo e secreto de seus ambientes, de suas atmosferas, e de seus cenários naturais e arquitetônicos, através de uma constante e saudosa referência a uma indefinida anterioridade temporal, como época áurea e harmoniosa, em contraposição com o momento presente da execução da canção. Vistas e ângulos fora do tempo, que parecem ter preservado a autenticidade e a espontaneidade da cultura popular, verdadeiros *lugares-comuns*, dos quais a canção parece brotar como de uma sorgente melódica e poética. Nomes de bairros ou de localidades que adquiriram uma ressonância musical: Mouraria, Alfama, Bairro Alto em Lisboa; Santa Lucia, Posillipo, Marechiaro em Nápoles. Iluminados em prevalência pela lua (o fado parece preferir as atmosferas noturnas), ou pelo sol (a canção napolitana prefere ao contrário as atmosferas diurnas), estes ângulos da cidade são os lugares da *representação* da cultura popular. Por esta razão talvez o fado tende mais ao pessimismo, enquanto que a canção napolitana por instantes se ilumina de pungente ironia. A masculina seriedade do primeiro não consegue zombar das desgraças, enquanto que a segunda pode transcendê-las com seu sorriso amargo.

Ambos evocam no mesmo instante, através de verdadeiras iluminações, não somente o *tempo perdido*, mas impressões, emoções, sentimentos que inspiraram o momento da criação. A suspensão temporal deriva também desta capacidade de reencontrar e fazer reviver sensações, cores, e vibrações emotivas da qual nasceu a canção. Neste contato com um momento anterior, com um fragmento do passado, estabelece-se uma relação de intimidade profunda com a pessoa que ouve, uma comovente empatia. A canção mostra sua espontaneidade no momento de sua interpretação, e adquire um significado rico de alusões. Sua intensidade emotiva nos dá a impressão de ter compartilhado as mesmas experiências, e o canto retrata flashes da realidade, como numa visão das quais emergem o sentimento da perda e uma fortíssima nostalgia. Fado e canção são verdadeiras feridas da memória, nas quais o passado é evocado com o poder e a autoridade de um estatuto fundador: um tempo... antigamente... uma vez... , e numerosas outras alusões que evidenciam esta idealização do passado. Fado e canção evocam uma separação temporal que às vezes provoca uma comovente sensação de se sentir perdido.

A momentos esta abstração do presente é tão forte que parece adquirir as características de um lugar incontaminado, um refúgio de paixões e dores, sonhos e ilusões, um "outro lugar" fruto de uma dolorosa iniciação, que se manifesta na distância temporal, muitas vezes também espacial, temporal e geográfica. Meditações metafísicas sobre a

condição da natureza humana, sobre a gênese e o fim das paixões, sobre a dialética entre alegria e sofrimento do amor se escondem sob forma de serenatas. O tema do destino e da fatalidade se apresenta em toda sua trágica evidência em ambos os gêneros, traçando uma espécie de filosofia da existência, e um código de comportamento segundo o qual a expressão musical é fruto de uma predestinação e de uma condição de vida. O tema da separação não está ligado somente à traição ou à honra, mas também à emigração. Para as comunidades de italianos e de portugueses no exterior, as respectivas canções urbanas se tornaram elementos capazes de evocar as próprias raízes e amenizar a terrível nostalgia ou *saudade* da própria terra.

A história dos autores, dos acontecimentos políticos e culturais, a interpretação da realidade social, parecem afirmar a percepção de dois mundos paralelos, em cujas estratificações inserem suas raízes as duas mais comovedoras formas de canção de 1900. Ambos são dominados por uma vocalização absoluta, teatral, rica de *pathos*, na qual são guardados os valores mais significativos do imaginário lusitano e partenopeu; fado e canção napolitana são modalidades expressivas de canto, antes de se tornarem gêneros musicais, imediatamente identificáveis através de gestos vocais ricos de figuras retóricas. Em ambos os gêneros o contato e a troca entre música erudita e música popular, literatura e tradição oral, que já existiam na época anterior a sua criação, foram de fundamental importância. Do sentido melódico e dramático da ópera italiana, através da *romanza* e da *modihna*, nasce o *humus* vocal do qual surgiram alguns entre os motivos ligados às duas cidades de forma indissolúvel.

Em Lisboa, e de certa forma também em Nápoles, a canção urbana foi uma característica tipicamente popular e ao mesmo tempo aristocrática e burguesa, música "de rua" e "de palácio", de humildes artesãos e de senhores. Esta dimensão entre as classes fez com que se tornasse a expressão artística dos extremos: carateriais, emotivos, sentimentais, o que podia ter de mais íntimo e conforme à natureza das respectivas identidades culturais e sociais. Na canção "da cidade" converge a expressão da cultura marginal, ligada ao ambiente da marginalidade e da prostituição. Pensando ao fado das origens precisamos lembrar que o fadista, como aparece nos dicionários da época, antes de se tornar cantor, designava o *faia* (moleque), e que esta música era tocada também nas prisões, como símbolo da marginalidade social. Por outro lado também na encenação da canção napolitana moderna, as referências ao mundo do crime lembram a origem popular da música urbana. Suas transformações no tempo nunca cancelaram a lembrança da miséria, a nobreza dos sentimentos dos pobres, a violência das paixões.

O extraordinário impulso devido à afirmação de novos espaços de interpretação e produção, cafés, teatros, cantinas, restaurantes, e depois discotecas, cinemas, rádios, estimularam o nascimento de canções que são verdadeiras *lágrimas musicais*. O mistério de suas origens pode ser explicado com a síntese e a lenta e progressiva apropriação e estilização de influências musicais sofridas ao longo dos séculos. Fado e canção nasceram na segunda metade do século décimo-nono e caracterizaram a imagem das relativas cidades, assim como as vistas e os panoramas dos pintores, e os daguerreótipos e os retratos dos fotógrafos, contribuindo a criar aqueles que com o tempo se tornaram estereótipos turístico-sentimentais.

O canto anônimo das origens assumiu aos poucos um contorno definido da canção composta por um verdadeiro autor, à qual contribuíram de forma igual seja o poeta que o musicista, de cujo talento e cuja harmonia depende a sublime qualidade da canção urbana de Lisboa e Nápoles. Constituiu-se assim uma indústria de emoções que atraiu em sua excêntrica órbita pessoas eruditas, amáveis oradores, musas populares, intelectuais, jornalistas, histriões, artesãos, poetas incantados pelas belezas de suas cidades como por exemplo Frederico de Brito e Salvatore di Giacomo, Linhares Barbosa e Vincenzo Russo,

que graças à generosa vitalidade das músicas de tradição oral criaram aquelas pequenas obras-primas que não obstante o tempo que passou continuam exercendo seu poder encantador e comovente. Contribuíram para sua criação compositores que tinha uma formação de tipo acadêmico e musicistas diletantes, humildes amadores no sentido literal do termo, que conseguiram unir ternura e desespero, serenidade e melancolia, paixão e *saudade*.

O fluxo melismático da voz se move na onda da vibração ritmada dos instrumentos de corda, e a emotividade que o canto transparece é apenas contida pelos instrumentos que a sustentam. As personalidades tímbricas da *guitarra portuguesa* e do bandolim contribuem para exaltar o admirável jogo de afinidades entre as vozes destas duas cidades, através do reflexo sonoro de seu *pizzicato*. O *gemido* da *guitarra* e o *trêmulo* do bandolim expressam todas as nuances sentimentais que as palavras não conseguem nem nomear. É tarefa da *guitarra* e da *viola* a de construir as harmônias nas quais o canto encontra sua forma exata.

A simplicidade e a transparência do desenho harmônico põem em evidência o *melos* poético cujo principal segredo está na pronúncia. Poderíamos afirmar que o fado e a canção napolitana são em primeiro lugar modos de pronúncia musical; isto é sinal de autenticidade que nenhuma escola pode ensinar, como demonstram as magníficas vozes de Nuno da Câmara Pereira e de Consiglia Licciardi. Eis porque se nasce fadista ou se vive na canção napolitana desde a infância. É o destino que marca o canto da nossa vida.

**Paolo Scarnecchia**

# tempo

## Canção de Lisboa

(Fernando Farinha/ R. Ferrão - José Galhardo - A. Colaço)

À meia-noite ao luar  
vai pela rua a cantar  
o boémio sonhador

E a recatada donzela  
de mansinho abre a janela  
à doce canção de amor

Ai como é belo  
à luz da lua  
ouvir-se o fado  
em plena rua

E o cantador  
apaixonado  
vem ao luar  
cantar o fado

Ao bater das badaladas  
ao ouvir-se as guitarradas  
surge o luar que è de prata

E a recatada donzela  
de mansinho abre a janela  
vem ouvir a serenada

## Tiempe belle

(Califano - Valente)

ed. la canzonetta

Tu mme vuò fa capi ca si' cuntenta,  
l' voglio fa vedè ca sò ffelice,  
ma 'a verità ognuno 'e nuje nun dice  
'sti core nuoste avessena parlà!

Tiempe belle 'e 'na vota  
tiempe addò state?  
vuje 'nce avite lassate  
ma pecchè nun turnate?

Mo pe' sfurtuna mia, stongo cu' n'ata  
pe' nu capriccio tu cu nato staje  
se sonna chella ca n'a lasso maje  
e se lusinga chillo 'mbraccio a tte!

Tiempe belle 'e 'na vota...

Nuje pe' vulerce bene simme nate  
facimmole cuntente chisti core,  
turnammo n'ata vota a chill' ammore  
Ca, pe' destino nun ce vò lassà.

Tiempe belle 'e 'na vota...

# a noite

## Vielas de Alfama

(Artur Ribeiro/ Max)

Horas mortas, noite escura  
uma guitarra a trinar  
uma mulher a cantar  
o seu fado de amargura  
e através da vidraça  
enegrecida e quebrada  
aquela voz magoada  
que entristece quem lá passa

Vielas de Alfama  
ruas da Lisboa antiga  
não há fado que não diga  
coisas do vosso passado  
velas de Alfama,  
beijadas pelo luar  
quem me dera lá morar  
para viver junto do fado

Às vezes a lua desperta  
e apanha desprevenidas  
duas bocas muito unidas  
numa porta entreaberta  
e então a lua corada  
ciente da sua culpa  
como quem pede desculpa  
esconde-se envergonhada

## Serenata Napulitana

(S.Di Giacomo - P.M. Costa)

Dimme, dimme, a chi pienze assettata,  
sola sola, addereto a sti llastre?  
'Nfaccia 'o muro 'e rimpetto stampata  
veco n'ombra, e chest' ombra si tù!

Fresca è 'a notte: 'na luna d'argiento  
saglie 'ncielo e cchiù ghianca addeventa  
e nu sciato, ogne tanto, d''o viento  
mmiez 'a st'aria se sente 'e passà...

Ha, che notte, ha, che notte!...  
Ma pecchè nun t'affaccie?  
Ma pecchè, ma pecchè mme ne cacce,  
Catari, senza manco parlà?...

Ma ce stà 'nu destino,  
e io ce credo e ce spero...  
Catari, nun è overo:  
tu cuntenta nun si!...

Catari, Catari mm'hè lassato  
tutto 'nzieme st'ammore è fernuto,  
tutto 'nzieme t'è sciveto a n'ato,  
mm'hè 'nchiantato e mm'hè ditto bonni!

E' a chist'ato ca mo tu vuò bene,  
staie penzanno e, scetata, ll'aspiette;  
ma chist'ato stasera nun vene  
e maie chiù, t''o ddich'j, venarrà!...

No! Nun vene, nun vene...  
L'aggio visto p''a strada  
cammenà, core a core cu n'ata  
e, rerenno, parlavano 'e te...

Tu si' stata traduta!  
Tu si' stata lassata!  
Tu si' stata 'nchiantata!  
Pure tu! Pure tu!

Catari, Catari,  
mo cuntenta nun si'.

# o sentimento

## Saudade

(Linhares Barbosa - Carlos Ramos)

Sabendo que em tua ausência  
prazer algum me conforta  
no momento em que saíste  
a saudade entrou-me a porta

Andou em volta da casa  
como se ela sua fosse  
chegou pertinho de mim  
puxou de um banco e sentou-se

Estavas só e tive pena  
disse-me então a saudade  
vamos esperar por ela  
podes chorar a vontade

E não me larga um momento  
toda a noite e todo o dia  
enquanto tu não voltares  
não quero outra companhia

## Passione

(Bovio - Tagliaferri - Valente)

Ed. La bottega dei Quattro

Chiù luntana me staie,  
cchiù vicino te sento...  
Chi sà a chistu mumento  
tu a che pienze... che ffaie!...  
Tu m'hè miso 'int"e vvene,  
'nu veleno ch'è ddoce...  
nun me pesa 'sta croce  
ca trascino pè te...

Te voglio...te penzo...te chiammo,  
te veco...te sento...te sonno.  
E' n'anno 'nce pienze ca è n'anno,  
ca st'uocchie nun ponno,  
cchiù pace truvà!...  
E cammino... e cammino...  
ma nun saccio addò vaco...  
'i stò sempe 'mbriaco,  
ma nun bevo mai vino.

Aggio fatto 'nu vuto,  
'a Madonna d" a Neve  
si me passa 'sta freve  
oro e perle lle dò...

Te voglio...te penzo...te chiammo...

# o jardim

## Malmequer pequenino

(Popolare - N. Da Câmara Pereira - D. J. De Noronha)

O malmequer pequenino  
disse um dia à linda rosa  
por te chamarem rainha  
não sejas tão orgulhosa

para ver quem se quer bem  
e qual è o seu destino  
a desfolhar todos vêm  
o malmequer pequenino

Desfolhado por qualquer  
entre tanta flor mimosa  
o pequeno malmequer  
disse um dia à linda rosa

Se as folhas todas me roubam  
disso a culpa não è minha  
as tuas todos as poupam  
por te chamarer rainha

Por seres a mais querida  
não debes ser tão vaidosa  
eu também enfeito a vida  
não seja tão orgulhosa

## Rosa 'nmiez"e rrose

(G.pisano - G.Cioffi)  
ed. la canzonetta

Quanta caiole,  
Quant' aucielle,  
dint" a 'stu vico tuio pare 'na festa,  
canta 'o cardillo,  
canta 'a zenzella,  
siente 'na zinfunia fore 'a fenesta

e po' t'affacce tu, cu st'uocchie nire...  
arracque 'e sciure e te zènnie cu' mme.

Rosa, ch" a miez" e rrose,  
me tiene mente, e faie 'nu pizzu 'a rrisa...  
te guardo, e penzo 'o juorno ca te sposo,  
te guardo, e penzo 'o juorno ca te vaso.

A vintunora,  
cu 'nu suspiro,  
Appanne 'e llastre e dici: Bonasera,  
po' areto 'e scure,  
me garde ancora,  
e te ne vaie a durmì cuntenta e allera.

Fora 'o balcone mio, sott" a friscura,  
m'addormo e sonno ca staie 'mbraccio a me.

Rosa, ch" a miez" e rrose,...

Bella e cianciosa  
che paraviso,  
'o juorno ca te dongo mille vase:  
Vase azzecuse,  
vase cu 'a stesa...  
P"o scuorne te faie rossa... e ammore trase.

E po' me dice doppo nove mise:  
" è masculillo e arrassumiglia a tte ".

Rosa, ch" a miez" e rrose,...

# o bairro

## Meu Bairro Alto

(Frederico de Brito - Carlos Rocha)

Naquela rua estreita, sem asfalto  
não sei bem quantos anos já lá vão  
ali no coração do Bairro Alto  
alguém fez de madeira um coração, e então  
o pobre coração em sobressalto  
só anda a soluçar de mão em mão

Meu Bairro Alto, das mais nobres tradições  
dos fadistas mais bizarros  
dos boémios do passado  
meu Bairro Alto, que entristece os corações  
quando choram as guitarras  
na voz dolente do fado

O fado que è cantado e è falado  
que tem uma guitarra para chorar  
que traz na voz de uma saudade a soluçar ao  
luar

o fado è sempre o mesmo, è sempre o fado  
que põe as almas tristes a chorar

## Suspire 'e Capemonte

(Federici - Lama)

ed. la bottega dei quattro

Maggio sunnato a te  
dint''a 'nu ciardeniello 'e Capemonte  
addò 'nce passa ammore eternamente  
e l'usignuolo 'mmiez''e fronne canta  
e tu cantave appassionatamente  
'nu riturnello 'e coppo Capemonte.

Viene a gudè cu mme,  
st'aria 'e ciardino,  
viene a cantà cu mme,  
tutt''e canzone  
e quanno cchiù 'nne vuò, rose e cerase  
io tante te 'nne dò 'nzieme cu 'e vase

Vurria campà cu te  
e te vulesso vestere 'e brillante  
ma chisto core nun è pussidente  
è 'o core buono 'e 'nu sincero amante  
è ricco 'e tanta belli sentimenti,  
pe' te ca si 'a cchiù bella 'e Capemonte

Viene a gudè cu mme...

Vurria stà 'mbraccio 'a te  
a capemonte quanno tutt' è pace  
e 'a luna 'mmiez 'e fronne tremma e luce  
cu 'a faccia malinconica e felice  
e tu me suspirasse sott''a voce  
a Capemonte avimmo fatto pace...

Viene a gudè cu mme...

***interlúdio Português-napolitano***  
(Sob a forma de diálogo entre portuguesa guitarra e bandolim)

# o passado

## Que é feito da Mouraria

(João Viana)

Que è feito da Mouraria  
a bizzarria  
a tradição  
que è feito da fidalguia  
que havia  
no Capelão

Noutro tempo, nessa era  
em que a Severa  
em tom magoadado  
impunha tal distinção  
nessa canção  
chamada o fado

E era assim  
que junto a mim  
alguém chorou  
com tal fervor  
cheio de dor  
também chorou  
orou com fé  
e disse até  
já vejo o dia  
que a mocidade  
já não há-de  
encontrar a Mouraria

Quem visse hoje a Mouraria  
bem ficaria  
desapontado  
com certeza que diria  
que não ouvia  
cantar o fado

Mas se bem o procurar  
há-de encontrar  
e diz então  
que o nosso fado a vibrar  
vive a chorar  
no Capelão

## Reginella

(Bovio - Lama)

Te si' fatta 'na vesta scullata,  
'nu cappiello cu 'e nastre e cu 'e rrose  
stive miezo a tre o quatte sciantose,  
e parlave francese; è accussi?  
fuie l'atriere che t'aggio 'ncuntrata  
fuie l'atriere, a Tuledo, gnorsì.

T'aggio vuluto bene a tte!  
tu m'è vuluto bene a me!  
mo nun nce amammo cchiù, ma 'e vvote, tu  
distrattamente, pienze a me!...

Reginè, quando stive cu mmico  
nun magnave ca pane e cerase,  
nuie campavamo 'e vase, e che vvase  
tu cantave e chiagnive pe' me...  
e 'o cardillo cantava cu' ttico:  
“Reginella 'o vò bbene 'a 'stu Re”.

T'aggio vuluto bene a tte!...  
...distrattamente, parle 'e me!  
Oi cardillo, a chi aspiette stasera?  
Nun 'o vide aggio aperta 'a caiola,  
Reginella è vulata, e tu vola  
vola e canta, nun chiagnere ccà  
T'è 'a truvà 'na patrona sincera,  
ca è cchiù degna 'e sentirte 'e cantà...

T'aggio vuluto bene a tte!...  
...distrattamente, chiamme a me!

# o abandono

## **Não venhas tarde**

(Anibal Nazaré - João Nobre)

Não venhas tarde  
dizes-me tu com carinho  
sem nunca fazer alarde  
do que me pedes baixinho

Não venhas tarde  
e eu peço a Deus que no fim  
teu coração inda guarde  
um pouco de amor por mim

Tu sabes bem  
que eu vou pra outra mulher  
que ela me prende também  
que só faço o que ela quer

Tu estás sentindo  
que eu te minto e sou cobarde  
mas sabes dizer sorrindo  
meu amor não venhas tarde

Não venhas tarde  
dizes-me tu da janela  
e eu venho sempre mais tarde  
porque não sei fugir dela

Sem alegria  
eu confesso tenho medo  
que tu me digas um dia  
meu amor não venhas cedo

Por ironia  
pois nunca sei onde vais  
que eu chegue cedo, algum dia

## **Na sera 'e maggio**

(G.Pisano - G.Cioffi)

ed. La canzonetta

Quanno viene appuntamento,  
guarde 'o mare, guard' 'e fronne,  
si te parlo nun rispunne,  
stai distratta cumm'a cche.

Io te tengo dint' 'o core  
songo sempe 'nammurato,  
ma tu invece pienze a n'ato,  
e te staie scurdanno 'e me!

Quanno se dice: Si! Tiènelo a mmente,  
nun s'hadda fà murì, 'nu core amante...  
Tu, me diciste: Si! 'Na sera 'e maggio,  
e mò tiene 'o curaggio, 'e me lassà.

St'uocchie tuoie nun so sincere,  
Comme 'a quanno me 'ncuntraste,  
comm"a quanno me diciste:  
"voglio bbene sulo a te"

E tremmano me giuraste,  
cu 'na mano 'ncoppo 'o core:  
nun se scorda 'o primmo ammore,  
mo te staie scurdanno 'e me!

Quanno se dice: Si!...

# a tradição

## Biografia do fado

(Frederico de Brito)

Perguntam-me pelo fado  
eu conheci-o, era um ébrio, era um vadio,  
que andava pela Mouraria  
talvez ainda mais magro que um cão galgo  
e a dizer que era fidalgo  
por andar com a fidalguia

O pai era um enjeitado  
que até andou embarcado  
nas caravelas do Gama  
mais gingão do que um marujo  
por velhos becos de Alfama

Pois eu sei bem onde ele nasceu  
que não passou de um plebeu  
sempre a puxar para a vaidade  
sei mais, sei que o fado é dos tais  
que não conheceu os pais  
não tem certidão de idade

Perguntam-me por ele  
eu conheci-o, num perfeito desvario  
sempre amigo da balbúrdia  
entrava na Mouraria, a horas mortas  
a abrir as meias portas  
era o rei daquelas tertúlias  
andou nas esperas de gado  
foi cavaleiro afamado  
era o delírio no entrudo  
naquela rua agitada  
ele que veio do nada  
não sendo nada era tudo

## Serenata a Surriento

(A. Califano - S. Gambardella)

Surriento gentile,  
suspire d'ammore,  
delizia 'e 'stu core  
tu si' 'nu buchè!

c'addore 'e 'sti sciure,  
cu 'e vase 'e 'stu mare...  
'e ccose cchiù ccare,  
farrisce scurdà!

Surriento! Surriento!  
so' fatte pe' 'ncantà  
'stu cielo, 'sti ciardine...  
chest'aria, 'sti marine!

Surriento gentile  
parole d'ammore  
'stu cielo e 'stu mare  
suspira pe' ttè!

Pe' ll'uocchie cianciuse  
d''e nenne che tiene...  
ggelose 'e Sserene  
nun cantano cchiù!

Surriento! Surriento!...

Surriento gentile  
ciardino d''e fate  
'a ggente 'ncantate  
tu faje rummanè!

chi parte 'a luntano  
te penza scuntento  
e sonna 'o mumento  
ca torna addu te!

Surriento! Surriento!...

# o afastamento

## Lisboa da minha saudade

(Eduardo Olimpio - Arlindo de Carvalho)

Sonhando andei por Lisboa  
lembrando tempo passado  
o dorso duma canoa  
a doce mágoa do fado

E a rosa da madrugada  
que não me quis namorado  
alguém da noite cantando  
e a lua espreitando  
num velho telhado

Um cheiro a jornais  
o peixe no cais  
um céu sem idade  
é esta a Lisboa  
da minha saudade

Pregões matinais  
que acordam pardais  
num hino à cidade  
é esta a Lisboa  
da minha saudade

Lisboa das caravelas  
com brancas velas  
em oração  
cidade noiva do fado  
que eu amo e trago  
no meu coração

Lisboa de quando havia  
gaivotas em consoada  
num Tejo azul que parecia  
feito de prata lavrada  
lembranças de quem partia  
nos olhos da madrugada  
e a proa duma traineira  
bailando ligeira  
em cada largada

## Santa Lucia luntana

(E.A.Mario)

Partono 'e bastimente  
pe' terre assaje luntane...  
càntano a buordo: sò napulitane!  
Cantano pe' tramente  
'o golfo già scumpare,  
e 'a luna 'a miezo 'o mare  
'nu poco 'e Napule,  
lle fà vedè...

Santa Lucia! luntano 'a te,  
quanta maluncunia  
si gira 'o munno sano,  
se v' 'a cercà fortuna...  
ma, quanno sponta 'a luna,  
luntano 'a Napule nun se po' stà.

E sònano... ma 'e mmane  
trèmmamo 'ncopp' 'e ccorde...  
Quanta ricorde, ahimmè, quanta ricorde!  
e, 'o core nun 'o sane,  
nemmeno cu 'e ccanzone  
sentenno voce e suone,  
se mette a chiagnere  
ca vò turnà.

Santa Lucia! luntana 'a te...

Santa Lucia, tu tiene  
sulo 'nu poco 'e mare...  
ma, cchiù luntana staje, cchiù bella pare...  
E' 'o canto d' 'e Ssirene  
ca tesse ancora 'e rrezze  
core nun vo ricchezze:  
si 'e nato a Napule  
ce vo muri!

Santa Lucia! luntano 'a te...

# a solidão

## **Descia pela rua a cantar**

(Nuno Moniz Pereira - Mario Moniz Pereira)

Descia pela rua a cantar  
falava com todos na rua  
corria por toda Lisboa  
não dava pelo tempo a passar  
sentia que estava a viver  
cantava só fado corrido  
não queria ninguém a chorar  
andava feliz todo o dia

A vida passa e faz viver uma mulher  
a vida passa e faz sofrer uma qualquer  
as fantasias já não são mais perdoadas  
as alegrias são tristezas adiadas

Subia pela rua calada  
não dava pelos outros na rua  
não ia para fora do bairro  
achava que a vida passara  
sentiva que estava a sofrer  
cantava só fado a chorar  
não via ninguém a sorrir  
andava infeliz todo o dia

## **Senza se 'Ncuntrà**

(Licciardi Giuseppe)

Bonasera a 'stu cielo  
ca s'affonna int" a l'uocchie  
'e chi aspett' assettato  
ca stanotte passa.

Bonasera a 'stu mare  
cu l'addore ca mena  
forze sta danno 'a mano  
a chi fatica già.

E 'na musica sona,  
pe' chi 'a vo' senti  
dint" a ll'aria da' notte  
ma chi 'a pò senti?  
E 'o pensiero cammina,  
senza se fermà.

Bonasera a 'sta luna  
cumme brilla stasera,  
e schiarennete 'a via  
te fà cunzulà.

Bonasera a chi spera  
ca cercanno int" a notte  
trova chello ch' a perso,  
e se ne pò turnà.

E ce stà chi se cerca  
senza se 'ncuntrà  
chi se guarda int" a ll'uocchie  
senza se capi  
chi cammina cammina,  
senza se fermà.

Bonasera 'e quartiere  
pe' chi scenne 'a 'sti viche  
e se venne l'ammore,  
mentre 'a notte passa.

Bonasera a chi guarda  
cu ll'uocchie appannate,  
'e chi nun ha tucato  
chello ca nun dà pace.

# amor

## Meia noite ao luar

(Popular)

À meia-noite ao luar  
vai pela rua a cantar  
o boémio sonhador

E a recatada donzela  
de mansinho abre a janela  
à doce canção de amor

Ai como é belo  
à luz da lua  
ouvir-se o fado  
em plena rua

E o cantador  
apaixonado  
vem ao luar  
cantar o fado

Ao bater das badaladas  
ao ouvir-se as guitarradas  
surge o luar que è de prata

E a recatada donzela  
de mansinho abre a janela  
vem ouvir a serenada

## 'O marenariello

(G.Ottaviano –S.Gambardella)

Oje né, fa prieste, viene!  
Nun me fa spantecà  
Ca pure 'a rezza vene  
Ch'a mare stò a menà.

Meh, stienne 'sti braccelle,  
aiutame a tirà,  
ca 'stu marenariello  
te vo' semp' abbraccià.

Vicin' 'o mare, facimmo ammore  
a core a core, pe' 'nce spassà.  
so' marenare, e tiro 'a rezza,  
ma p'allerezza, stong' a muri.

Oje, né i' tir' 'a rezza,  
e tu statt' a guardà  
li pisce p' 'a priezza  
comme stann' a zumpà.  
e vide, pure 'e stelle  
tu faje annammurà  
ca 'stu marenariello  
tu faje suspirà.

Vicin' 'o mare...